

TUNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

AMANDA MARIA MOREIRA BARRETO

**GARIMPO ILEGAL E VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES:  
REFLEXÕES COM VEENA DAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel Interdisciplinar em Ciências Humanas.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Dias da Silva

JUIZ DE FORA – MG  
JULHO DE 2025

## Resumo

Este artigo analisa a violência de gênero em contextos de garimpo na Amazônia brasileira, utilizando como referência teórica os conceitos desenvolvidos por Veena Das em *Vida e Palavras: violência e a descida ao ordinário* (2008). A autora, embora trabalhe com contextos de violência urbana na Índia, oferece um arcabouço teórico útil para refletir sobre como a dor e o sofrimento se inscrevem no cotidiano em diferentes realidades sociais. O estudo parte da constatação de que o garimpo ilegal não apenas devasta o meio ambiente, mas também transforma territórios em zonas de exceção, marcadas pela ausência do Estado e pela naturalização de múltiplas formas de violência contra as mulheres. Com abordagem qualitativa e interpretativa, o trabalho utiliza revisão bibliográfica e documental de artigos acadêmicos, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e relatórios institucionais para relacionar empiricamente o cotidiano de violência com os conceitos de silêncio, formas de vida danificadas e sofrimento social inscrito no ordinário. A análise mostra como o sofrimento dessas mulheres se torna parte do dia a dia, sendo silenciado por estruturas patriarcais, racistas e coloniais que atravessam as relações de poder nesses territórios. Conclui-se que é fundamental reconhecer a complexidade das múltiplas opressões que atingem essas mulheres e construir estratégias de escuta e intervenção que considerem especificidades culturais, étnicas e territoriais. O estudo pretende contribuir para o debate interdisciplinar em Ciências Humanas, promovendo reflexões críticas sobre gênero, território, direitos humanos e justiça social.

Palavras-chave: violência de gênero; garimpo; Amazônia; Veena Das; sofrimento social; silêncio.

## 1. Introdução

A Amazônia brasileira tem sido historicamente explorada sob uma lógica extrativista, colonial e violenta que persiste até os dias atuais. O garimpo, enquanto atividade predatória, representa um dos principais vetores dessa exploração, não apenas pela devastação ambiental que provoca, mas também pelos impactos sociais profundos, especialmente sobre as mulheres que habitam ou circulam nesses territórios. Essas mulheres enfrentam múltiplas formas de violência — sexual, física e simbólica —, além de condições de trabalho degradantes e relações de poder marcadas por dominação patriarcal (OLIVEIRA, 2020; PORTO-GONÇALVES, 2006).

Este artigo busca analisar como a violência de gênero em contextos de garimpo se inscreve no cotidiano dessas mulheres, transformando o sofrimento em parte de suas formas de vida. Para isso, toma-se como referência teórica a obra de Veena Das, em especial os capítulos 2, 4 e 5 de *Vida e Palavras: violência e a descida ao ordinário* (2008). Das propõe compreender a violência não como evento isolado, mas como uma presença contínua que molda subjetividades e relações sociais. Seu conceito de “descida ao ordinário” permite analisar como o extraordinário da violência se torna parte banalizada do cotidiano, naturalizando o sofrimento e silenciando vozes.

É importante esclarecer que Veena Das não estuda diretamente a realidade amazônica ou o garimpo, mas seus conceitos teóricos sobre dor, linguagem, silêncio e sofrimento social possibilitam pensar comparativamente como a violência se inscreve em contextos de abandono estatal e desigualdade extrema. Essa abordagem comparativa é o que permite utilizar sua teoria para refletir sobre o caso brasileiro.

Articulando essa perspectiva teórica com dados empíricos extraídos de dissertações, artigos acadêmicos e relatórios institucionais, este trabalho pretende evidenciar como a omissão do Estado, a lógica colonial e o racismo ambiental se cruzam na manutenção de estruturas de violência de gênero na Amazônia. O objetivo é lançar luz sobre os mecanismos de silenciamento e naturalização da dor, contribuindo para o debate interdisciplinar sobre gênero, território e direitos humanos.

## 2. Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, voltada à compreensão dos sentidos atribuídos à violência de gênero em contextos de garimpo, por meio da articulação entre teoria e dados empíricos. O método empregado consiste em uma revisão bibliográfica e documental, centrada em produções acadêmicas e institucionais que tratam dos impactos sociais, ambientais e de gênero associados à atividade garimpeira na Amazônia brasileira.

Foram analisadas dissertações, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e relatórios produzidos por organizações não governamentais, coletivos feministas e instituições públicas. Dentre os principais documentos consultados, destacam-se os estudos de Barbosa (2020), Fernandes (2021), Brito (2022), Silva (2022) e o relatório da Hutukara Associação Yanomami (2023), além de dados do Instituto Socioambiental e de órgãos como o Ministério Público Federal.

A fundamentação teórica se apoia nos conceitos de Veena Das, especialmente nos capítulos 2, 4 e 5 do livro *Vida e Palavras: violência e a descida ao ordinário* (2008), para refletir sobre como o sofrimento se inscreve no cotidiano e é naturalizado em territórios de exceção. Ainda que Das não trate especificamente da realidade amazônica, sua abordagem permite uma análise comparativa e crítica dos modos como a dor e o silêncio se articulam em diferentes contextos de violência estrutural.

### **3. Desenvolvimento**

O garimpo na Amazônia brasileira constitui um espaço de vulnerabilidade extrema, onde a presença do Estado é marcada mais pela omissão do que pela proteção. Nesses territórios, mulheres vivem sob constante ameaça de violência física, sexual e simbólica. Relatórios como o da Hutukara Associação Yanomami (2023) denunciam estupros sistemáticos e aliciamento de meninas indígenas por garimpeiros, revelando que essa violência não é um desvio, mas um elemento estrutural desses contextos. A violência não se apresenta apenas como agressão física imediata, mas como um dispositivo de controle que opera por meio do medo, da desinformação e do silenciamento.

A proposta teórica de Veena Das (2008), embora não trate especificamente da realidade amazônica, fornece um arcabouço conceitual importante para compreender como a violência de gênero se inscreve no cotidiano dessas mulheres. Das propõe que eventos traumáticos não cessam no momento em que ocorrem, mas se infiltram na vida ordinária, moldando relações

sociais, subjetividades e formas de habitar o mundo. O conceito de “descida ao ordinário” permite analisar como situações de extrema violência se tornam parte da rotina, silenciadas e naturalizadas por meio de mecanismos sociais e institucionais que operam a partir da exclusão.

No contexto amazônico, a banalização da dor é evidenciada em mulheres que não denunciam abusos por medo, vergonha ou descrédito institucional — não porque não sofrem, mas porque vivem em uma estrutura onde a dor não encontra reconhecimento. Como afirma Das (2008, p. 153), “o silêncio não é apenas ausência de fala, mas um campo de força no qual certas narrativas são impossibilitadas de emergir”. Essa constatação é reforçada pelo estudo de Marcelo (2006), que revela como mulheres no garimpo Bom Futuro evitavam relatar suas vivências de violência até mesmo entre pessoas próximas, configurando um ciclo de isolamento e retraumatização.

O estudo de Lima et al. (2020) contribui ao mostrar que mulheres garimpeiras acumulam funções domésticas, produtivas e reprodutivas em condições marcadas por violência estrutural. Elas cuidam dos filhos, buscam água em rios contaminados por mercúrio e realizam trabalhos manuais extenuantes, tudo isso sob ameaças constantes. A sobreposição de tarefas em um ambiente hostil revela o que Das (2008, p. 165) chama de formas de vida danificadas: quando a dor, a perda e a precariedade se tornam constitutivas da existência cotidiana.

Além disso, o Instituto Socioambiental (2006) aponta que o garimpo destrói ecossistemas inteiros, comprometendo a reprodução física e cultural das comunidades locais. Para as mulheres, essa devastação não representa apenas a perda de recursos ambientais, mas o desmonte das bases simbólicas de suas identidades. Como observa Brito (2022), a violência ambiental é também uma forma de violência de gênero, na medida em que recai desproporcionalmente sobre mulheres indígenas, ribeirinhas e quilombolas, tornando-as ainda mais vulneráveis.

O Estado, por sua vez, não é meramente omissor. A análise de Das (2008, p. 170) sobre a atuação estatal revela que “o Estado não é apenas aquilo que falta, mas aquilo que participa da dor pela forma como estrutura o abandono”. A ausência de políticas públicas eficazes, a ineficiência nas investigações e a impunidade reiterada configuram uma forma ativa de produção da violência. Como mostra Fernandes (2021), essa negligência institucional reforça

o ciclo de exclusão e revitimização das mulheres que tentam romper o silêncio. Ainda que Veena Das não utilize explicitamente o conceito de interseccionalidade, suas reflexões permitem perceber como o sofrimento é atravessado por múltiplas camadas de opressão. Mulheres indígenas, negras e pobres são atingidas simultaneamente por desigualdades raciais, de gênero, territoriais e econômicas. Segato (2016) sustenta que o estupro funciona como um dispositivo de dominação coletiva, voltado à subjugação dos corpos e subjetividades. Essa lógica aparece no contexto garimpeiro como prática recorrente de intimidação e controle, legitimada pela ausência de Estado e pela naturalização da violência.

Dessa forma, compreender a violência nos garimpos exige mais do que o reconhecimento de episódios isolados. É preciso descer ao ordinário, como propõe Das, para captar como a dor se inscreve em gestos mínimos, silêncios cultivados e estruturas de exclusão. A articulação entre teoria e empiria permite visibilizar os modos como essas mulheres resistem, sobrevivem e constroem formas de enfrentamento que escapam à lógica das instituições. Como conclui Souza (2020), a escuta sensível das experiências dessas mulheres é condição para qualquer tentativa real de reparação e justiça social.

#### **4. Considerações Finais**

A análise empreendida neste trabalho permitiu compreender que a violência contra mulheres em contextos de garimpo na Amazônia não constitui um fenômeno isolado ou excepcional, mas está enraizada em estruturas sociais marcadas por desigualdades de gênero, raça, classe e território. A partir da leitura de Veena Das (2008), especialmente dos conceitos de “descida ao ordinário”, “formas de vida danificadas” e “silêncio”, foi possível perceber como a dor e o sofrimento são incorporados ao cotidiano dessas mulheres, tornando-se experiências normalizadas e invisibilizadas pelo tecido social.

O cruzamento entre os aportes teóricos de Das e os dados empíricos extraídos de estudos como os de Lima et al. (2020), Marcelo (2006), Fernandes (2021), Brito (2022) e dos relatórios da Hutukara Associação Yanomami (2023) evidenciou que a violência de gênero nos garimpos se manifesta em múltiplas camadas. Ela é simbólica, física, institucional, ambiental e epistêmica. Mulheres indígenas, ribeirinhas, negras e pobres são atravessadas

por um contexto de extrema precariedade, silenciamento e abandono, agravado pela convivência ou omissão do Estado.

A partir da perspectiva de Das (2008, p. 170), compreende-se que o Estado não é apenas ausente: ele estrutura a dor e a exclusão por meio de suas políticas negligentes. Como apontado por Souza (2020) e Segato (2016), romper esse ciclo de violência exige mais do que proteção institucional — exige a escuta sensível das narrativas femininas e o reconhecimento da complexidade de suas vivências.

É necessário, portanto, que pesquisas futuras e políticas públicas se orientem por metodologias interseccionais e territorializadas, considerando os saberes locais e as formas de resistência já existentes. Como propõe Brito (2022), qualquer intervenção nos territórios afetados pelo garimpo deve passar pelo protagonismo das mulheres que ali vivem, respeitando sua agência e seus modos próprios de construir cuidado, luta e justiça.

Este estudo, ao articular teoria e empiria, busca contribuir com o campo interdisciplinar das Ciências Humanas, oferecendo elementos para uma reflexão crítica sobre a violência em territórios de exceção. A escuta da dor e das formas de vida danificadas, conforme propõe Das, é o primeiro passo para a formulação de práticas mais comprometidas com os direitos humanos e com a dignidade das mulheres amazônicas.

## **5. Agenda futura de pesquisa**

Diante dos resultados apresentados neste trabalho, reconhece-se a necessidade de aprofundar investigações sobre a intersecção entre violência de gênero, extração mineral ilegal e invisibilização institucional das mulheres em áreas de garimpo. Como extensão deste estudo, propõe-se:

1. Estudos etnográficos em áreas de garimpo da Amazônia, com foco na escuta sensível das mulheres, inspirados no método de Veena Das, que valoriza os silêncios, as rupturas e a linguagem cotidiana da dor;

2. Análises comparativas entre os contextos de garimpo no Brasil e em outros países da América Latina, especialmente na Bolívia, Colômbia e Peru, a fim de identificar padrões comuns de violência e resistência;

3. Investigações sobre a atuação do Estado e das forças policiais nessas regiões, considerando denúncias de convivência com atividades ilegais e omissão diante da violência contra mulheres;

4. Estudos interdisciplinares que integrem gênero, território e ecologia, analisando os impactos do garimpo na vida das mulheres e na degradação ambiental como dimensões interligadas de uma mesma lógica extrativista;

5. Levantamento de iniciativas locais de enfrentamento à violência, com atenção às redes de solidariedade formadas por mulheres garimpeiras, indígenas, ribeirinhas e quilombolas.

Essas investigações futuras não apenas darão continuidade ao presente debate, como também poderão contribuir com políticas públicas mais sensíveis à realidade dessas populações.

### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Mariana Candido da Silva. Mulheres garimpeiras: trabalho, gênero e saúde em um território amazônico. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

BRITO, Bruna Martins de. Garimpo e violência sexual na Amazônia brasileira: uma análise crítica dos mecanismos de proteção à mulher. Revista Direito e Práxis, v. 13, n. 1, p. 404–430, 2022.

DAS, Veena. Vida e palavras: violência e dissociação no tempo. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FERNANDES, Daniele dos Santos. Garimpo e relações de gênero no Tapajós: entre invisibilidades e resistências. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMAMI. Yanomami sob ataque: garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami e propostas para enfrentamento. Boa Vista: HAY, 2023.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos indígenas no Brasil: 2001-2006. São Paulo: ISA, 2006.

LIMA, Maria Aparecida et al. Mulheres no garimpo: condições de vida, trabalho e saúde em territórios amazônicos. *Revista Gênero e Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 2, p. 115-134, 2020.

MARCELO, Simone Aparecida. Mulheres e violência nos garimpos: estudo de caso do garimpo Bom Futuro. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2006.

OLIVEIRA, Tânia Regina de Almeida et al. A atividade garimpeira e os impactos sociais em territórios amazônicos. *Revista Cerrados*, v. 18, n. 2, p. 107-123, 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SILVA, Andréia de Souza. Entre a lama e a luta: vivências de mulheres em áreas de garimpo ilegal. *Revista de Estudos Feministas*, v. 30, n. 2, 2022.

SOUZA, Juliana. Violência estrutural e silenciamento: mulheres e garimpo em territórios de exceção. In: *Anais do Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais*. Recife: UFPE, 2020.

